



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP SV INT SOLEMAR LISBÔA DO CARMO JÚNIOR

**ANÁLISE SOBRE A PROTEÇÃO DOS RECURSOS LOGÍSTICOS DA
COALIZÃO NA GUERRA DO GOLFO**

**Rio de Janeiro
2019**



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP SV INT SOLEMAR LISBÔA DO CARMO JÚNIOR

**ANÁLISE SOBRE A PROTEÇÃO DOS RECURSOS LOGÍSTICOS DA COALIZÃO
NA GUERRA DO GOLFO**

Trabalho acadêmico apresentado à
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais,
como requisito para a especialização
em Ciências Militares com ênfase em
Doutrina Militar Terrestre.

**Rio de Janeiro
2019**



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
DECEX - DESMI
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS
(EsAO/1919)**

DIVISÃO DE ENSINO / SEÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: **Cap Int SOLEMAR LISBÔA DO CARMO JÚNIOR**

Título: **PROTEÇÃO DOS RECURSOS LOGÍSTICOS DA COALIZÃO NA GUERRA DO GOLFO**

Trabalho Acadêmico, apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção da especialização em Ciências Militares, com ênfase em Gestão Operacional, pós-graduação universitária lato sensu.

APROVADO EM _____ / _____ / _____ **CONCEITO:** _____

BANCA EXAMINADORA

| Membro | Menção Atribuída |
|---|-------------------------|
| CHARLES DAVIDSON SOARES BITENCOURT - Maj Cmt Curso e Presidente da Comissão | |
| WAGNER SANTANA DA COSTA - Maj 1º Membro | |
| TIAGO VARGAS WEBBER - Maj 2º Membro e Orientador | |

SOLEMAR LISBÔA DO CARMO JÚNIOR – Cap
Aluno

ANÁLISE SOBRE A PROTEÇÃO DOS RECURSOS LOGÍSTICOS DA COALIZÃO NA GUERRA DO GOLFO

Solemar Lisbôa do Carmo Júnior*
Tiago Vargas Webber**

RESUMO

O presente trabalho busca, através de pesquisa documental, entender, analiticamente, o sucesso da Coalizão na Guerra do Golfo, no que diz respeito à proteção de seus recursos logísticos. Foram analisados diversos documentos de autoria de militares que participaram do conflito, historiadores, bem como manuais de campanha. É apresentada ainda, uma breve comparação entre a execução operacional da defesa dos meios logísticos executada pela Coalizão, com a base doutrinária do Exército Brasileiro para uma situação de guerra. Quando exploradas as literaturas em foco, cabe ressaltar a importância que foi dada à proteção dos meios logísticos pela Coalizão. Se destacaram a defesa através da tomada da iniciativa do combate, com a imposição de uma supremacia aérea, destruição da artilharia inimiga, emprego de novas tecnologias, dentre as quais, o sistema de posicionamento global, sistemas antiaéreo e contra mísseis balísticos, além do emprego da reserva em apoio à defesa da área das ASG. Ficou claro o alinhamento doutrinário do Exército Brasileiro com o apresentado pela Coalizão, encabeçada pelos Estados Unidos, acerca do escopo estudado.

Palavras-chave: Proteção dos recursos logísticos. Base doutrinária. Execução operacional da defesa. Emprego de novas tecnologias. Supremacia aérea. Tomada da iniciativa no combate. Alinhamento doutrinário.

ABSTRACT

The present work seeks, through documentary research, to analytically understand the success of the Gulf War Coalition in terms of protecting its logistics resources. Several documents authored by military personnel who participated in the conflict, historians, as well as campaign manuals were analyzed. It also presents a brief comparison between the operational execution of the defense of the logistic means executed by the Coalition, with the doctrinal basis of the Brazilian Army for a war situation. When exploring the literatures in focus, it is important to emphasize the importance that was given to the protection of logistic means by the Coalition. Defense stood out by taking the initiative of combat, imposing air supremacy, destroying enemy artillery, employing new technologies, including the global positioning system, anti-aircraft and ballistic missile systems, and employment reserve in support of the defense of the area of ASG. The doctrinal alignment of the Brazilian Army with that presented by the Coalition, headed by the United States, about the scope studied was clear.

Keywords: Protection of logistics resources. Doctrinal basis. Operational execution of the defense. Employment of new technologies. Air supremacy. Taking initiative in combat. Doctrinal alignment.

* Capitão do Serviço de Intendência. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2009.

** Major do Serviço de Intendência. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2005. Mestre em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (AMAN) em 2014.

1. INTRODUÇÃO

Este é um artigo apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, que visa analisar o método de defesa dos recursos logísticos da Coalizão, composta pela Inglaterra, França, Egito, Síria, Arábia Saudita, liderados pelos Estados Unidos na Guerra do Golfo. O presente trabalho visa especificamente demonstrar o resultado de uma pesquisa qualitativa, por meio do levantamento bibliográfico, com a finalidade de traçar um panorama acerca da temática.

Diversos foram os fatores que culminaram no conflito escopo do presente trabalho. Com o fim da Guerra Irã-Iraque em 1988, a economia do Iraque encontrava-se à beira de um colapso, havia agitação por todo o país, além de tensões territoriais com o Kuwait, remanescentes ainda da criação do mesmo, que negava o acesso ao mar por parte do Iraque. Além disso, a queda do preço do barril de petróleo levou Saddam a acusar o Kuwait e os Emirados Árabes Unidos de quebrarem o cartel e vender acima da cota da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP).

Em meio à crise, Saddam buscou parceria com os países que o apoiaram na guerra contra o Irã, situação bem vista pelos EUA, que acreditava que esta união seria proveitosa para manter sua influência na região.

Porém, com o declínio do preço do barril e a agressão e massacre contra minorias, ações recorrentes, ocorridas no Iraque, este perdeu qualquer apoio dos seus vizinhos e dos EUA.

A personalidade vaidosa do ditador do Iraque, Saddam Hussein, apoiado no espírito nacionalista do país, contribuiu para a decisão de invadir e anexar o Kuwait. Em julho de 1990, o Exército Iraquiano se deslocou para a fronteira com o Kuwait e realizou uma concentração massiva de meios militares, três divisões blindadas e quatro divisões de infantaria, totalizando algo em torno de 100.000 homens.

Em 2 de agosto de 1990, o Iraque se lançou contra o Kuwait, que não estava preparado para o conflito, tinha sua prontidão operacional em nível mínimo, pagando como preço a perda do país em 12 horas, a Família Real, bem como os meios militares remanescentes buscaram abrigo na Arábia Saudita. Nos próximos 6 meses o Kuwait foi anexado como a 19ª província do Iraque, que ocupou militarmente o país.

As consequências da invasão foram imediatas. O Conselho de Segurança da ONU condenou a ação iraquiana e ordenou que o Kuwait fosse desocupado. A

permanência das tropas Iraquianas no território do Kuwait resultou no desembarque de tropas britânicas e norte americanas na Arábia Saudita. Dando início ao que ficou conhecido como operação *Desert Shield*, que visava a proteção da Arábia Saudita.

A ONU e os Estados Unidos usaram como subsídio legal para a intervenção, a violação territorial do Kuwait, violações dos direitos humanitários e ameaça ao maior parceiro dos EUA no oriente médio, a Arábia Saudita.

Tendo falhadas todas as tentativas de negociações, e extrapolado o prazo estipulado pela Resolução 678 do Conselho de Segurança da ONU, de retirada das tropas iraquianas do Kuwait, tivera início a intervenção militar.

Em 17 de janeiro de 1991 teve início a guerra, com a Operação que ficou conhecida como *Desert Storm*, com uma campanha aérea devastadora, que visava destruir os meios aéreos e antiaéreos iraquianos através de bombardeios, garantindo assim a supremacia aérea, possibilitando desta maneira, o desembarque do grosso da tropa posteriormente.

Com o sucesso inquestionável da campanha aérea, que durou 42 dias, abriu-se espaço para a campanha terrestre, que teve por volta de 100 horas de duração. A diferença de preparo e tecnologia, a despeito do tamanho do Exército iraquiano, foram determinantes para o sucesso da Coalizão. A falta de padronização de material, bem como a discrepância tecnológica entre as partes beligerantes, permitiu que a Coalizão usasse seu poder de combate no local e momento exatos em que a vantagem era sempre assegurada a eles, diminuindo muito a exposição de suas tropas.

Em 28 de fevereiro de 1991, foram retiradas as últimas tropas iraquianas do Kuwait e foi finalizada a Operação Ofensiva da Coalizão, liderada pelos Estados Unidos. Em de 3 de março do mesmo ano, foi assinado formalmente o cessar-fogo.

1.1 PROBLEMA

A Logística sempre foi determinante nos momentos decisivos dos conflitos, sendo uma peça *si ne qua non* para o sucesso de qualquer força militar. Desde os primórdios, os líderes militares buscavam cortar o suprimento básico dos seus oponentes, alcançando a situação de cerco, que levaria o inimigo à exaustão de seus recursos elementares. Esta verdade é atemporal, nos combates tradicionais, vence o elemento com as melhores condições de se manter no combate.

Sendo a Logística peça chave e nobre, certamente é de preocupação dos comandantes a manutenção do fluxo logístico de sua força. Para tal, são necessárias providências para a defesa das instalações e meios logísticos, haja vista que representam alvos extremamente compensadores, que quando desprotegidos, podem levar uma força superior ao insucesso.

Em face ao exposto, propõe-se um artigo de especialização em Ciências Militares que permita a reflexão e análise da proteção dos recursos logísticos em campanha, tomando-se por base os dados de um dos mais atuais conflitos, a Guerra do Golfo.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

- O presente estudo trará a metodologia usada pelos países da Coalizão, a fim de apresentar as características, peculiaridades bem como uma análise do emprego do método de proteção dos seus recursos logísticos.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar as características e peculiaridades do método de Proteção do Recursos Logísticos da Coalizão;

- Verificar a eficiência da defesa metodologia utilizada pela Coalizão;

- Apresentar os pontos positivos e negativos do método de defesa empregado;

- Comparar o método utilizado na Guerra do Golfo com o que é preconizado nos manuais do Exército Brasileiro.

1.3 JUSTIFICATIVAS

Tanto nos Teatros de Operações antigos quanto nos mais atuais as forças necessitam de liberdade para atuar e se fazerem contundentes. Esta liberdade está condicionada às suas capacidades de manter suas dotações orgânicas sempre em níveis aceitáveis, com a maior disponibilidade de meios, sem interrupção nos seus fluxos de suprimentos.

A Guerra do Golfo é um dos últimos conflitos considerados tradicionais, nos quais houveram desdobramentos de tropas e meios logísticos no terreno e

enfrentamentos com disputa de terreno. Diferindo dos conflitos atuais, com forças assimétricas e operações no amplo espectro.

O exemplo de defesa dos meios logísticos apresentado pela Coalizão se apresenta como uma vultosa fonte de pesquisa para comparação à doutrina que é apresentada em nossos manuais, que encontra-se em contínua evolução.

O escopo do presente estudo é apresentar, de forma crítica e analítica, os meios e a doutrina empregada pelos países na Coalizão, mais focado nos Estados Unidos, na proteção de seus recursos logísticos.

O presente estudo comporá, juntamente com o acervo de trabalhos acerca do assunto, de subsídio para estudos e possíveis atualizações doutrinárias.

2 METODOLOGIA

O presente estudo será realizado dentro de um processo científico com intuito de ampliar o conhecimento. A pesquisa terá início na revisão teórica do assunto, através de consulta bibliográfica e trabalhos científicos.

O método utilizado será o de exploração da literatura especializada em logística e operações militares, voltadas ao conflito em escopo. A seleção do material da pesquisa seguirá para a literatura com foco em defesa e logística, sendo explorado ao máximo o material que coincidir as duas temáticas dentro do contexto do conflito. A seleção literária será criteriosa de forma que o material empregado seja o mais atualizado e detalhado possível, gerando a possibilidade de solucionar o problema escopo do presente trabalho.

A seleção das fontes de pesquisa será baseada em publicações de domínio público e em Manuais Doutrinários do Ministério da Defesa e do Exército Brasileiro, com as seguintes prioridades: Manuais de Campanha e Instruções Provisórias do Exército Brasileiro; Livros de autoria dos participantes no conflito; Artigos de Revistas americanas voltadas para o conflito; Monografias acerca do assunto; Portais de notícias na internet.

2.1 REVISÃO DE LITERATURA:

Denomina-se Logística Operacional:

“Operational logistics: Logistics provides the ability to mass the combat power. It is a way of structuring a battle, campaigning or strategic setting. It is calculated to create possibilities for future force utilization. Logistics determine

how, when and where the force arrives in a theater; where and when combat power can be massed. Logistics underwrites the concept of operations and the scheme of maneuver and is the fulcrum upon which leverage can be created.” (PAGONIS, 1992, p. 4).

Segundo PAGONIS a logística operacional habilita a concentração massiva do poder de combate, ela é calculada para criar possibilidades futuras de utilização da força, determinando como, quando e onde a força chega ao teatro de operações, onde e quando o poder de combate pode ser concentrado. A Logística subscreve o conceito de operações e esquema de manobra, sendo o fulcro que possibilita alavancar o sucesso da operação.

O apoio logístico em operações militares engloba materiais e serviços para a condução das operações:

“Logistics encompasses the materiel and services needed to sustain the conduct of military operations aimed at achieving specific objectives. Materiel includes organizational items (e.g., unit equipment, ammunition, spare parts, fuel and lubricants) and individual items, such as food, water, clothing and personal equipment. Services include maintenance and repair of equipment, transportation of people and supplies, medical treatment and evacuation, construction, and provision of individual services such as mail delivery and sanitation facilities.” (Operation Desert Shield and Desert Storm: The Logistics Perspective, **Assosiation of the United States Army**)

O apoio logístico ao Corpo de Exército dos Estados Unidos foi exercido pelo comando de apoio logístico, “SUPCOM”, que realizou o apoio por áreas, através das ASG (Area Support Group), sendo este subordinado ao Comandante do Teatro de Operações, esse Comando Logístico foi denominado 22º Support Comand, sendo comandado pelo General William Pagonis:

“No dia 10 de agosto de 1990 foi ativado o 22º Cmdo Log (semelhante ao CLFTTOT), em Dhahram, assumindo a responsabilidade logística do Teatro de Operações. Sua missão abrangia a coordenação da chegada das principais unidades e o apoio logístico a ser fornecido pela nação anfitriã. À medida que os contingentes começaram a chegar na Arábia Saudita, houve necessidade do estabelecimento de Ba Log em seu apoio. Inicialmente, foram estabelecidas Ba Log em torno do complexo aeroportuário de Dharan, Ad Damman e Jubayl, com a missão de receber e processar o ingresso no TO do XVIII CEx, primeiro grande comando a desdobrar-se em território saudita. Assim que uma maior quantidade de meios foi ingressando no TO, o 22º Cmdo Log desdobrou a Ba Log de *Bastogne* ao longo da estrada principal de suprimento (EPS) *Dodge*, enquanto que o XVIII C Ex, utilizando o 1º COSCOM (Corps Support Command, ou Comando Logístico de Corpo de Exército), desdobrava a Ba Log de *Pulaski*.” (CASTRO, Fábio Benvenuti, 2002).

O 22º Support Comand ficou incumbido de apoiar as unidades deslocadas dos VII e XVIII durante a Operação Escudo do Deserto (Defensiva), e concentrar meios para passar à ofensiva através da Operação Tempestade do Deserto.

Para se ter uma real noção da quantidade de material que foi transportado, administrado e protegidos para o sucesso da campanha, podemos observar algumas observações logísticas apresentadas pelo General Pagonis:

“Statistics are part of the story of operational logistics. More than 117,000 wheeled vehicles and 12,000 tanks and armored vehicles were deployed and redeployed. Half of these vehicles and other items of equipment had to be repainted in desert camouflage. More than 1,700 helicopters, 41,000 cargo containers and 350,000 tons of unexpended ammunition were hauled to the theater and returned in over 500 ships and 10,000 aircraft sorties. Over 95 million meals were served and 2.5 billion gallons of fuel consumed. Mail for the 540,000 soldiers, airmen, marines and sailors reached staggering proportions- 38,000 tons, enough to cover 21 football fields eight feet high. More than 5,000 department and contractor civilians were deployed.” (**PAGONIS**, 1992, p. 13).

Figura1 - Caminhões dispersos no deserto, formando o perímetro da área ocupada pela 364th Support Company, 3 de março de 1991



Foto: Dean Wagner/DoD

De acordo com PAGONIS, o planejamento operacional centralizado foi um facilitador da execução da operação. A estrutura de comando, composta pelo 22º Support Comand e a integração com o Teatro de operações foram consistentes com a arte operacional :

“Operational planning at a centralized level facilitated execution at the right time and place. Contractor support, deployment of military department

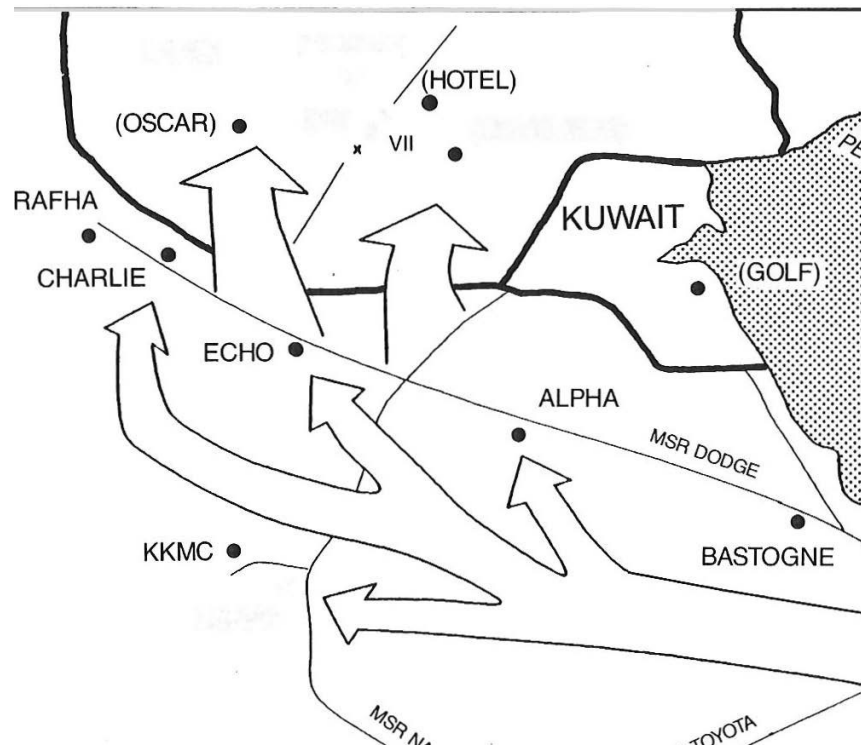
civilian and host nation support were significant aspects of operational logistics. The use of a theater army area command structure (the 22d Support Command) and a theater single integrated logistics focus were consistent with the operational art." (PAGONIS, 1992, p. 14).

A preparação logística para as operações :

"To provide support for deployed units of XVIII Airborne Corps and VII Corps during Operation Desert Shield and to be prepared to logistically support future combat operations-what would become the Desert Storm ground campaign-the theater support command established additional logistical support bases to store and distribute supplies. To accomplish this, the allocation of transport and priority for use of highways and lesser road ways had to be closely coordinated. The system of major support bases provided a continuous supply of water, rations, fuel, ammunition and other essential supplies to the deployed corps. This required the repositioning of stocks and supplies from the vicinity of Dhahran and Jubail to new logistical bases north along the main roadway-designated as Main Supply Route (MSR) Dodgeand along the north-south roadway (MSR Nash) adjacent to King Khalid Military City (KKMC).

The series of logistical bases were designated Alpha, Bravo, Charlie, Delta and Echo. These bases were stocked with all classes of supply to support the two corps: Class I (food and water) , Class II (clothing), Class III (fuel) , Class IV (barrier materials, such as barbed wire and sandbags), Class V (ammunition), Class VII (major items, such as M1A1 tanks, to replace losses) , Class VIII (medical) and Class IX (repair parts). Figure 3 shows the major logistical bases and MSRs in Saudi Arabia, as well as the support bases that would be established later in support of the ground campaign. Logistical planning for offensive combat operations was initiated in November upon the decision of the president to deploy a second corps to the region. The theater-level support of Operation Desert Storm-which would commence January 17, 1991, with the start of the air campaign-began in late November 1990. The initial phase involved the repositioning of 22d Support Command units and supplies to the new logistical bases while also supporting the reception and movement of VII Corps. The next phase involved the movement of the two corps to their attack positions prior to initiation of the ground war. Theater logistics support involved coordination of heavy transportation and the completion of the major forward logistical base for each corps (Charlie for XVIII Airborne Corps and Echo for VII Corps)."(UNITED STATES ARMY)

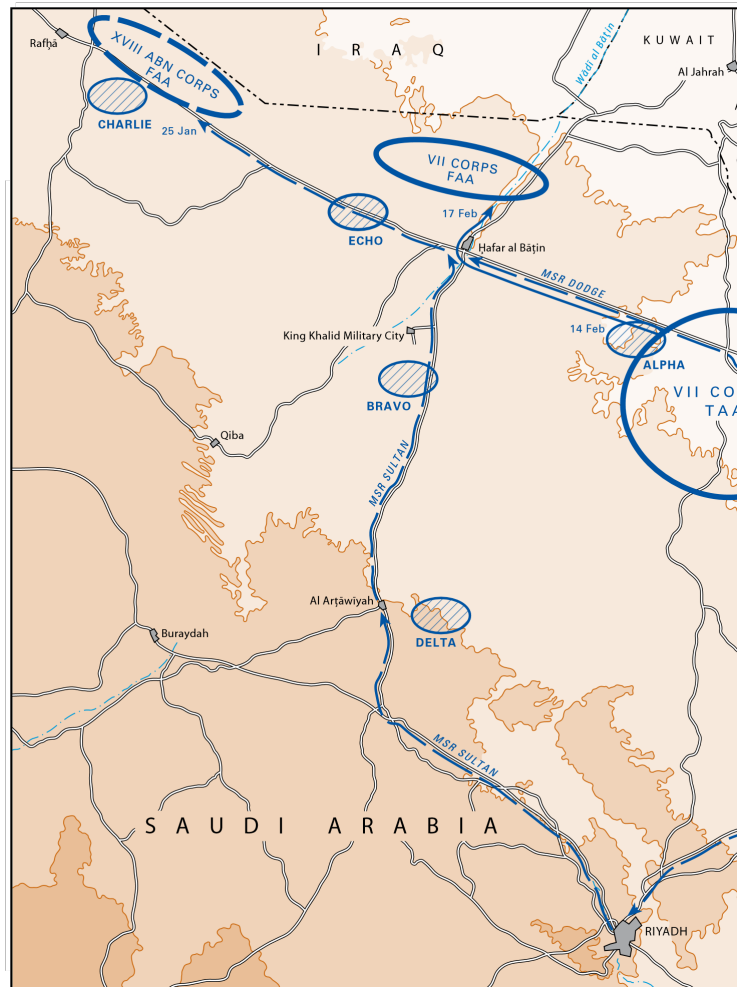
Figura 2 – Planejamento Logístico



Fonte: War in the Persian Gulf

As ASG, aos moldes do que é feito nas Bases Logísticas de Brigada no Brasil, são responsáveis pelo apoio de suprimentos, transporte, manutenção, serviços de campanha e saúde. São modulares, assim como o que é pregado na nossa doutrina, sendo moldadas de acordo com as necessidades logísticas do escalão apoiado. Cumulativo ao apoio logísticos, essas ASG são responsáveis pela segurança da área de retaguarda, realizando sua proteção e dos meios dispostos nas regiões a elas determinadas. Para a Guerra do Golfo, foram planejadas conforme as ilustrações abaixo:

Figura 3 – Planejamento Logístico



Fonte: War in the Persian Gulf

Na fase de planejamento das atividades logísticas, um problema encontrado pelo General Pagonis e seus assessores foi o de passar despercebido pela inteligência inimiga o transporte e desdobramento das toneladas de materiais e suprimentos logísticos de toda a operação, conforme relatos do próprio comandante logístico da operação:

“How do you preclude the Iraqis from obtaining intelligence regarding millions of tons of supplies and materiel? How do you hide logistics? At operational level, it is important not to reveal intent to the enemy. Logistics can reveal intended action by telegraphing the buildup of forces, particularly if surprise is essential, and surprise was the key to Schwarzkopf's western flanking offensive. Log bases-if - built too soon-would reveal his concept of operations. Therefore, logistics had to be an integral part of the deception operation.

On the question of "hiding" logistics, the best approach was to stay in the Saudi eastern province, to use existing facilities in the east and KKMC only sparingly, to disperse and wait, and only after the beginning of the air campaign to move logistics west ward. During the buildup of the force, logistic

base Bastogne was built for the XVIII Airborne Corps. When the VII Corps was added, log base Alpha was constructed. But General Schwarzkopf's decision to surprise the enemy with the western sweep meant no other log bases would be constructed. This meant construction of log bases Bravo, Echo and Charlie would have to await the start of the air campaign. The need for surprise the need to fool the opponent- had a definitive logistical component. Again, General Schwarzkopf reasoned that if his commanders thought the logistical task daunting, then the enemy would think so as well. Therefore, logistical tracks in the sand could not be allowed until the opponent was blinded. The extent of this deception was not known back in the United States. Even highly classified briefings in the Army's Pentagon war room- the operations center- kept the force position and their logistical bases in the eastern province until after the beginning of the ground campaign.” (PAGONIS, 1992, p. 10)

Fator determinante para a defesa dos meios logísticos, foi a supremacia aérea consolidada pela Coalizão nos momentos iniciais do conflito, para que o desenvolvimento da Operação Terrestre pudesse transcorrer sem a possibilidade da influência do fator aéreo inimigo, com isso, os meios logísticos e as ASG puderam atuar sem a interferência na terceira dimensão do campo de Batalha. Para tal, foram usadas as baterias antiaéreas e o poderio da campanha aérea das forças aéreas da Coalizão, conforme War in the Persian Gulf:

“In the planned offensive, fighting would begin with a multiphased air campaign to establish preconditions for ground assault. Coalition air forces would successively smash Iraqi air defenses, secure air supremacy, suppress Iraqi command and control, isolate the Kuwaiti Theater of Operations (KTO), and attrit enemy ground forces in the path of the proposed offensive. The ground assault would begin with a division-size feint up the Wadi al Batin and a supporting attack by the marines reinforced with an Army armored brigade through the elbow of Kuwait.” (United States Army, 2010)

Os meios logísticos e bases de operações são alvos militares consideráveis, para tal, devem ser protegidos a todo custo para que não ocorra interrupção do suprimento e coordenação. Na guerra Irã-Iraque foram amplamente empregados os mísseis balísticos pelos iraquianos. Uma forma de anular este poderio, que era lançado de plataformas móveis, de difícil localização, foi o emprego do MIM-104 Patriot por parte da Coalizão, para defesa contra mísseis balísticos:

“No terço final da guerra Irã-Iraque o uso de mísseis balísticos foi uma prática comum, assim seria de esperar que também na guerra do golfo o seu uso fosse inevitável. Pela primeira vez num conflito armado é empregado o míssil MIM-104 Patriot na defesa antimíssil balístico. Esta arma cuja função original é a intercepção de aeronaves a longa distância e grande altitude, foi submetida desde 1988 a um programa de atualizações conhecido como PAC-1 (Patriot Advanced Capability-1), que lhe conferiu uma capacidade limitada contra mísseis balísticos. Era no entanto a arma mais eficaz ao dispor das forças da coalizão para enfrentar a ameaça representada pelas variantes de construção local dos mísseis Scud B (designação Russa, R-11 até R-17) e FROG-7 (designação Russa, 9K52 Luna-M), tendo sido usadas diversas baterias para defender cidades, bases militares com grande concentração de

meios terrestres ou aéreos e ainda possíveis alvos com grande valor estratégico.” (Wikipedia)

Figura 4 – Patriot Missile Battery



Fonte: War in the Persian Gulf

Todo o Exército encontrava-se envolvido completamente com as operações, ninguém ficou mais evidente em apoio aos meios logísticos do que os componentes da Reserva, composto pela Guarda Nacional do Exército e Reserva do Exército (Army National Guard e Army Reserv). Os componentes da reserva (Army RC), além de suporte convencional ao combate, se envolveram com assistência no processo transferência das tropas para o Teatro de Operações, nas instalações de apoio, operação dos portos, apoio e função médica de transporte e manutenção de atividades, conforme podemos notar no relatório especial sobre a perspectiva logística da guerra:

“The Total Army was involved in the full range of military operations. But nowhere was the role of the reserve components (RC)-Army National Guard and Army Reservemore evident than in logistical support. Over 70 percent of the required combat service support capability of the Army is in the RC; 85 percent of the support for units above corps level is also in the RC.

The Army, in its deployment to and operations in the Gulf region, could not have functioned effectively without sustainment support from RC units. The functions of the combat service support units that were deployed to Southwest Asia included adjutant general, finance, judge advocate, military history, public affairs, civil affairs, medical, transportation, ordnance, maintenance, quartermaster, petroleum, port operation sand supply units.

In addition, close to 300 Army RC units performed duties in the United States, in many cases to backfill the support functions normally performed by active units, but also to assist units in the process of deploying overseas. RC units were involved in installation support, port operations, depot support

functions and medical, transportation and maintenance activities.” (Operation Desert Shield and Desert Storm: The Logistics Perspective, **Association of the United States Army**)

Outro fator que facilitou o comando e controle, inovando, por meio de tecnologia, foi a utilização de transponders nas unidades de combate e placas de identificação de rádio frequência (RFID) conectados aos contêineres de material no ponto de desembarque. A integração dos sistemas de rastreamento possibilitava, em tempo real, o acompanhamento das operações, sem dúvidas contribuindo também para a segurança dos comboios. Caso houvesse alguma interrupção no fluxo, o escalão superior tomava ciência no momento do ocorrido. Tal sistema foi citado em artigo da Harvard Business Review:

“We met that challenge with a combination of information technologies. Each combat unit was equipped with transponders, allowing both combat leaders and logisticians at Central Command to track the troops’ movement in real time. Similarly, radio frequency identification (RFID) tags were attached to all inbound matériel containers at the point of shipment. These tags were tracked across the globe and along the troops’ line of advance. These data, plus information from other systems, were integrated into a common operating picture, which allowed the coalition to achieve real-time information dominance—in both combat and logistics management.” (HARVARD BUSINESS REVIEW, Morales, Diana K. and Geary, Steve)

A Ofensiva aliada foi rápida e devastadora, em diversas ocasiões, onde deveriam ser desdobradas ASG, funcionavam apenas trocas de reboques:

“Em virtude da curta duração do combate terrestre, aproximadamente de 100 horas, algumas dessas Ba Log planejadas não foram totalmente estabelecidas, uma vez que a situação deixou de exigir seu desdobramento com os recursos e efetivos previstos. Outras, por sua vez, sequer foram estabelecidas, como foi o caso das Ba Log Hotel e Romeo. Tal fato proporcionou significativa vantagem tática, pois aliviou a força de ataque do encargo do estabelecimento de novas Ba Log.” (**CASTRO**, Fábio Benvenuti, 2002)

Figura 5 – Comboio Logístico



Fonte: War in the Persian Gulf

“A ofensiva terrestre aliada foi tão rápida – cerca de 100 horas – que muitas das planejadas Bases Logísticas em território iraquiano tornaram-se meros postos de troca de reboques.” (CASTRO, Fábio Benvenuti, 2002) Foto: DoD

Em uma breve comparação com a doutrina empregada pelo exército brasileiro, podemos observar trechos dos manuais de campanha que comprovam a semelhança com a empregada na Guerra do Golfo pela Coalizão:

“11-1. SEGURANÇA IMEDIATA

a. O comandante do Batalhão é o responsável pela segurança da unidade. Executa as medidas determinadas pelo comando da GU, bem como adota medidas relativas à segurança imediata da unidade.

b. A segurança inclui todas as medidas tomadas por um comando para proteger a unidade de espionagem, sabotagem, observação, inquietação ou ataque surpresa. Elas podem ser **ativas** ou **passivas**. As medidas ativas envolvem poder de fogo e o emprego da tropa. As medidas passivas incluem a observação, cobertura, dispersão, camuflagem e o aproveitamento do terreno. O B Log, normalmente, emprega uma combinação de medidas ativas e passivas.

c. É preciso ter sempre presente a possibilidade de atuação do inimigo, causando danos a pessoal e material. Tal consideração, entretanto, não deve implicar na adoção de uma mentalidade defensiva, mas, ao contrário, estimular o emprego de medidas ativas de segurança.

d. Os destacamentos de segurança são necessários em qualquer situação. Sua missão é proteger a unidade contra ataque de surpresa e observação terrestre do inimigo. Eles garantem ao comando da unidade a liberdade de ação e o tempo necessário para desdobrar seus meios em caso de ação inimiga. Estes destacamentos devem ser móveis e devem possuir um eficiente sistema de alarme, inclusive meios de comunicações e de observação que lhes permitam alertar imediatamente a unidade quanto a qualquer ação terrestre ou aérea do inimigo.

11-5. SEGURANÇA NA ÁREA DE APOIO LOGÍSTICO

a. Em geral, as medidas para reduzir a vulnerabilidade de uma área com relação ao tipo de ameaça, podem acarretar o aumento desta vulnerabilidade em relação a outros tipos de ataque e prejudicar a eficiência do elemento considerado, pondo em risco o cumprimento da missão.

f. Antes da ocupação de uma nova área, o Cmt do Batalhão faz um estudo, sob o ponto de vista de segurança, considerando todas as informações existentes sobre a mesma. Em seguida, dentro das disponibilidades, de tempos e de meios, particularmente de reconhecimento aéreo, realiza um reconhecimento da área a ser ocupada, procurando selecionar os pontos e áreas que devem ser mantidos com vistas à segurança.

g. Na ocupação de uma nova área, as seguintes medidas devem ser tomadas:

1. estabelecimento de postos de guarda no perímetro de área;
2. patrulhamento no exterior da nova área;
3. preparação e camuflagem dos locais destinados às diversas instalações logísticas, de administração e de pessoal;
4. estabelecimento de uma sequência para ocupação da área, por parte de cada elemento;
5. exigência, ao máximo, de esforço na segurança no período inicial da ocupação.

h. Após a ocupação da nova área, devem ser tomadas as seguintes medidas de segurança, na sequência que segue:

1. estabelecimento de um plano de defesa aproximada para a área;
2. estabelecimento das comunicações internas e com o escalão superior;
3. estabelecimento de normas de controle de circulação, das quais devem participar todos os elementos de área sem que tal controle dificulte as missões de apoio;
4. melhoria do sistema de defesa, tais como a colocação de obstáculos, artificios de detecção e outros meios julgados convenientes;
5. aperfeiçoamento dos planos de patrulha.”(C29-15: Batalhão Logístico)

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Apesar da discrepância entre os meios, tecnologia e recursos dos Exércitos Americano e o Brasileiro, foi evidenciado que a doutrina de defesa dos recursos logísticos é semelhante.

Implementos que poderiam ser copiados numa situação de emprego com grande fluxo logístico, seria a utilização dos transponders nas viaturas de transporte de material, que poderiam dar uma exata noção do andamento ao escalão superior, auxiliando na tomada de decisões. Cabe ressaltar a utilização do Sistema de Comando e Controle Pacificador pelo Exército Brasileiro nos grandes eventos (Rio 2016, Copa do Mundo) e nas missões logísticas executadas pela Base Logística do Exército. Se trata de um sistema de rastreamento de smartphones e rádios P25 com acompanhamento em tempo real, com possibilidade de marcação de pontos de interesse de função similar à utilizada pela Coalizão. Bem como o escalão superior poderia deixar os elementos em primeiro escalão cientes do fluxo logístico. Além de proporcionar uma segurança aos comboios, que se sofressem qualquer interrupção, poderiam ser imediatamente apoiados.

Assim como foi feito na Guerra do Golfo, a segurança da área de retaguarda, na qual se encontrava a ASG, ficava sob sua responsabilidade. Da mesma maneira, de acordo com o que preconiza a doutrina do Exército Brasileiro, as áreas de retaguarda são divididas e devem ser protegidas com os meios orgânicos mais apoios diversos das instalações presentes na área. No caso, quando uma Base Logística de Brigada, similar a ASG, se desdobra numa faixa do terreno, ela recebe uma área de responsabilidade, ficando responsável por sua segurança.

O amplo emprego da Força Aérea e da Marinha, em conjunto com o Exército, os dois primeiros garantindo supremacia aérea e naval, tornando possível a execução de uma campanha terrestre sem grandes perdas é o fator mais relevante que podemos observar. Este apoio mútuo tornou a concentração de meios possível, contribuindo com a segurança da cadeia logística, que não teve relatos de interrupção, culminando no sucesso inquestionável da campanha.

O Brasil tem feito Operações Conjuntas, com participação internacional, a exemplo do ocorrido na Amazonlog, onde foi desdobrada uma Base Logística Multinacional Interagências, conduzido pelo Comando Logístico do Exército Brasileiro, demonstrando a preocupação de estreitar laços com as demais forças. A proteção dos meios logísticos, numa situação de guerra, deve ser preocupação das três forças, ressaltando mais uma vez a necessidade do apoio mútuo para obtenção do sucesso nas operações, mais especificamente, para a manutenção do fluxo logístico adequado.

Apesar da Guerra do Golfo (*Desert Shield* e *Desert Storm*) ser considerada um exemplo de logística operacional, os meios logísticos tiveram poucos problemas no que diz respeito a contato com os inimigos, em virtude de diversos fatores, se destacando a atuação da Força Aérea da Coalizão, que adquiriu a supremacia aérea no início do conflito, bem como da artilharia antiaérea, uma das primeiras a se deslocar para assegurar a segurança dos demais, que tornou possível a proteção dos meios. No que diz respeito à segurança dos meios logísticos, eles ficaram condicionados às ações conjuntas, não sendo citado nenhum exemplo da defesa com meios orgânicos das ASG.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em qualquer Ordem de Operações, de qualquer Exército do mundo, apesar de atuar como coadjuvante, os meios logísticos são de alta prioridade de defesa. Apenas se sente falta da logística quando ela falta, aí já é tarde demais.

Pudemos notar que A Guerra do Golfo foi um dos últimos confrontos tradicionais, com desdobramento de tropas e dos meios logísticos através das ASG, similares às BLB do Exército Brasileiro.

Durante a primeira fase, *Desert Shield*, foi garantida a preservação territorial da Arábia Saudita, que permitiu o deslocamento das tropas em segurança. A supremacia aérea e as baterias antiaéreas, garantiram a segurança dos meios logísticos, tornando a situação favorável ao desencadeamento das operações, culminado na fase ofensiva, *Desert Storm*.

A ofensiva foi tão devastadora para a força oponente que os meios logísticos não sofreram qualquer tipo de ameaça. A ASG era responsável pela sua própria segurança e o sistema de rastreamento utilizado nos comboios dava ao comando a situação do fluxo do material em tempo real, tornando o comando e controle ideais. Desde o planejamento fora levada em consideração o emprego da dissimulação, de forma a evitar a inteligência do Exército Iraquiano, caracterizando uma defesa passiva dos meios logísticos.

É conclusivo que a assimetria do conflito não contribuiu para a literatura específica da defesa da área de retaguarda e meios logísticos, porém, de maneira alguma devemos concluir que foram negligenciados.

Cabe salientar o emprego da reserva com a missão de ajudar o cumprimento de tarefas logísticas, apoiando todas as fases da operação, quando não empregado na sua finalidade.

Pudemos verificar a validade da nossa doutrina que vai ao encontro da empregada pela maior potência militar atual e da época do conflito, os Estados Unidos da América, bem como pudemos verificar a importância dos sistemas de comunicações, que geram comando e controle nas Operações Militares.

Não podemos deixar de ressaltar a importância da inter-operabilidade entre a Marinha, a Aeronáutica e o Exército, no sentido de garantirem a segurança das suas áreas de atuação, para que torne possível o desdobramento dos meios logísticos, que irão apoiar toda a operação e garantir o seu sucesso.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Exército. **MD33-M-02**: Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções Cartográficas das Forças Armadas. 3. ed. Brasília, DF, 2008.

BRASIL. Exército. **C 101-5**: Estado-Maior e Ordens 2º Volume. 2. ed. Brasília, DF, 2003.

BRASIL. Exército. **C29-15**: Batalhão Logístico. 1. ed. Brasília, DF, 1984

BRASIL.EXÉRCITO.EME. **EB20-MC-10.204**: LOGÍSTICA. 3. ed. Brasília: Centro de Doutrina do Exército, v. 1, 2014b.

WILLIAM G. PAGONIS AND MICHAEL D. KRAUSE. **Operational Logistics and the Gulf War**.

GULF WAR LOGISTICS: THEORY INTO PRACTICE

BOTELHO, HENRIQUE DOS SANTOS. **A Logística na Guerra do Golfo: A Estrutura Logística a nível Tático-operacional durante a ofensiva terrestre do VII Corpo de Exército do E.U.A e as principais diferenças com a Doutrina Militar Terrestre Brasileira**.

CENTER OF MILITARY HISTORY. United States Army. **War in the Persian Gulf Operation Desert Shield and Desert Storm August 1990 – March 1991**. Washington DC, 2010.

CONTEÚDO aberto. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Golfo#Precedentes> Acesso em 12 Setembro 2019